

## Hubert, Durkheim, Mauss: Amizades e Filiações?

JEAN-FRANÇOIS BERT<sup>1</sup>

A relação de Henri Hubert com os sociólogos do grupo de *L'Année sociologique*, e mais particularmente com Marcel Mauss e Émile Durkheim, agora nos é bem conhecida, graças à publicação de numerosos documentos de arquivos<sup>2</sup>. As correspondências trocadas com Mauss, entre 1896 e 1927, mas também com Durkheim, entre 1897 e 1917, mostram como o metucioso historiador que trabalhava no Musée des Antiquités Nationales (Saint-Germain-en-Laye) também tratou frequentemente de questões sociológicas e antropológicas maiores.

Tratou, acima de tudo, de questões religiosas. Com Mauss, ele publicaria dois textos fundadores, "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício" (1899) e "Esboço de uma Teoria Geral da Magia" (1904), assim como a coletânea *Mélanges d'histoire des religions*, em 1909, na qual os dois autores retornam a várias questões que estavam no centro de suas interrogações: o movimento paralelo do mito e do rito, a noção de sagrado vista como uma forma de distinção e de interdição, a eficácia dos ritos mágicos, o caráter público das instituições religiosas, mas também a parte da sociedade na consciência do crente<sup>3</sup>...

Mas os interesses sociológicos ou antropológicos de Hubert ultrapassam muito o estrito campo do religioso. Em muitos de seus

1. Mestre de ensino e de pesquisa na Universidade de Lausanne (Suíça). Tradução de Rodrigo Turin. Revisão de Rafael Faraco Benithien.
2. Ver, sobre esse ponto, J.-F. Bert, *Marcel Mauss, Henri Hubert et la sociologie des religions. Penser et écrire à deux*, 2012; e também É. Durkheim, "Lettres de Émile Durkheim à Henri Hubert, présentées par Philippe Besnard", *Revue française de sociologie*, vol. 28, n. 3, pp. 483-534, 1987.
3. Cf., respectivamente, H. Hubert e M. Mauss, "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício", em M. Mauss, *Ensaio de Sociologia*, op. cit., pp. 141-227; *Idem*, "Esboço de uma Teoria Geral da Magia", em M. Mauss, *Sociologia e Antropologia*, op. cit., pp. 142-173; e *Idem*, *Mélanges d'histoire des religions*, op. cit. Citamos ainda, quanto à questão religiosa, H. Hubert, "Introduction", em P.-D. Chantepie de la Saussaye, *Manuel d'histoire des religions*, op. cit., pp. v-xlviii.

textos produzidos para *L'Année sociologique*, será abordada a questão da técnica e dos instrumentos ligados a certas formas de vida social como sintomáticos de um estado de civilização. Ele interogará também a questão das categorias, como aquelas do tempo e do espaço, para repensar a questão do sagrado. Em uma nota autobiográfica que redigirá em 1915, antes de sua convocação para a Primeira Guerra Mundial, ele sintetiza esta dimensão específica e, todavia, muito pouco vista em sua reflexão:

No âmbito da análise dos fatos religiosos, a nós se impôs desde o começo analisar as representações que presidem o desenvolvimento e regulam a lógica desses fatos. Nós isolamos a ideia de Sagrado, nós a isolamos como categoria das operações mentais implicadas nos fatos religiosos. Esse estudo das categorias do pensamento coletivo é nossa originalidade. Dai, eu fui à ideia de Tempo, ao passo que Mauss foi à de Espaço. Meu trabalho sobre a ideia de tempo foi a primeira etapa de meu trabalho sobre as Festas, o qual devia ser em meu pensamento um caminho para meus futuros trabalhos de mitologia<sup>4</sup>.

É possível lançar outras hipóteses sobre o lugar de Hubert nesse grupo, no mínimo heteroclito, de sociólogos que compunham *L'Année sociologique*. Ele desempenha, acima de tudo, uma função de intermediário com diversos outros historiadores de sua geração, como De Martonne, justamente em um momento em que as diferenças entre as duas disciplinas eram profundas<sup>5</sup>. Ele permanece próximo de Henri Berr, aceitando redigir vários volumes de sua coleção *L'Évolution de l'humanité*: dois sobre os celtas (originalmente, seriam três) e um sobre os germanos. Esses volumes, contudo, só seriam finalizados por Marcel Mauss após a morte de Hubert, em 1927 – uma última prova da força dessa amizade, iniciada em 1896 durante os seminários de Israël Lévi e de Auguste Carrière na École Pratique des Hautes Études.

Não se pode ainda negligenciar o fato de Hubert ser um dos mais importantes colaboradores no funcionamento da revista. Ele auxiliou Durkheim, a partir de 1900, na longa e tediosa solicitação de livros a serem resenhados. Ocupa-se dos pedidos aos editores, os quais, por vezes, precisavam ser insistentemente acionados até a obtenção das publicações. Esse lugar, que hoje pode parecer ingratuito, lhe permitiu também repensar a organização interna das rubricas que estruturam a revista. Foi sem dúvida realizando tal trabalho que ele veio a descobrir a literatura científica alemã e anglo-saxã

contemporânea, que ele acabaria por conhecer em detalhes, não hesitando em apontar, por vezes, suas falhas e principais carências.

Mas o que é preciso destacar é o papel central que ele desempenhou para Mauss. De fato, ao trabalharem em dupla em diversos artigos, Hubert permitiu que seu amigo orientasse sua reflexão a domínios que, *a priori*, lhe eram estranhos. No caso do "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício", sabemos agora que o historiador está na origem do capítulo sobre o sacrifício do deus, texto que ele havia escrito para sua tese. Mas ele discute ao longo de todo o ano de 1899, em pé de igualdade com Durkheim e Mauss, sobre a possibilidade de uma definição "sociológica" do sacrifício. Exprime suas dúvidas sobre a maior parte dos termos empregados, como aquele de "oferenda", por considerá-lo uma ideia "secundária". Propõe, ainda, retomar classificações muito apressadas sobre as formas sacrificiais: por exemplo, aquela entre o sacrifício comunal periódico e o sacrifício expiatório ocasional, que ele considera de todo modo "inútil, ilusória e falsa", pois "não temos nenhum meio de a estabelecer"<sup>6</sup>.

No caso do "Esboço de uma Teoria Geral da Magia", seu papel é ainda mais importante. Ocupa-se da redação da maior parte das notas (as quais, infelizmente, como anunciado no início do referido artigo, não serão retomadas na versão publicada em *L'Année sociologique*), que aportam precisões sobre a natureza e o lugar da magia no mundo greco-latino<sup>7</sup>. Ele aproveita as notas para trazer à tona materiais de primeira mão, como receitas mágicas, descrição de rituais, descrição de objetos utilizados nesses mesmos rituais. Também se dispõe a fazer concessões e a constatar, no que concerne à magia, o aumento da iniciativa individual nas práticas rituais, tomando uma via bem diferente daquela que Durkheim busca valorizar em sua sociologia ao afirmar que as crenças religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada<sup>8</sup>.

Seu lugar dentro do grupo de *Année* evolui a partir de 1910. Ele toma certa distância das atividades da revista, e parece investir muito mais em seu trabalho de conservador no Museu de Saint-Germain, provavelmente na instalação da famosa sala de Marte. Após a morte

6. Ver a esse respeito, J.-F. Berr, Marcel Mauss, *Henri Hubert et la sociologie des religions*, op. cit.

7. Hubert havia trabalhado particularmente esta questão da magia na Antiquidade greco-romana. Cf. H. Hubert, "Magia", em E. Saglio e C. Daremberg (orgs.), *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, t. IV, 1904, pp. 1494-1521.

8. É o que, em todo caso, defende Durkheim em seu artigo de 1898, publicado depois como preâmbulo do ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. Cf. E. Durkheim, "De la définition des phénomènes religieux", *Année Sociologique*, vol. 2, pp. 1-28, 1899. Para Durkheim, a estrutura social impõe sua forma e sua organização às crenças e às práticas rituais.

4. Ver o Anexo 1 deste volume.

5. Penso aqui, especificamente, em F. Simiand, *Método Histórico e Ciência Social*, 2003.

de Durkheim, em 1917, ele concentra suas aulas na École Pratique e na École du Louvre sobre o período celta, não intervindo mais diretamente nos debates teóricos que agitam a sociologia francesa do pós-guerra, incluindo-se aí a sociologia religiosa.

Em meados dos anos de 1920, todavia, quando Mauss decide relançar a aventura da revista *Année sociologique*, ele poderá contar com a pluma de Hubert, que redigiu então 22 resenhas distribuídas em diversas rubricas e sub-rubricas na revista, entre as quais: "teoria da civilização e tipos de civilização", "raça e sociedade", "filosofia religiosa", "psicologia religiosa", "história das religiões", "sistemas religiosos nacionais", "crenças e práticas ditas populares", "representações religiosas", "organização religiosa"... Dispersão esta que é o indicio de uma grande atividade intelectual, e, talvez ainda mais, de uma grande capacidade de síntese de historiador que seu importante fichário, doravante conservado no Museu de História Natural, também revela de maneira enfática.

Ossatura do trabalho de Hubert, essas fichas são a marca de suas leituras, mas sobretudo de um trabalho paciente, sistemático, de coleta de dados. Prática constante em Hubert, o trabalho de fichamento está na base de todas suas pesquisas e talvez até de sua escrita. Antes mesmo da existência de um plano, as fichas classificadas e reclassificadas continuamente permitem que ele identifique uma proposição, uma direção, uma hierarquia de saberes. É preciso destacar, por exemplo, seu interesse pela história do cristianismo primitivo e do cristianismo oriental, mas também pela história dos costumes e das crenças, em particular o totemismo, o animismo, o misticismo, ou pelos rituais do nascimento e da morte. Encontramos igualmente diversas centenas de fichas sobre a tecnologia, as técnicas e os objetos utilizados, mas também sobre a mitologia, que Hubert classificou duplamente, primeiro por zonas geográficas, depois por temas (festas indicadas em calendários e agrárias, ritos de passagem, folclore europeu). Pode-se ainda encontrar fichas a respeito da filologia ou da onomástica.

Tal trabalho é importante, a ponto de Hubert evocar diversas vezes em sua correspondência a "mecânica" das fichas: "eu [lhe] enviarei algo melhor que um plano anotado" [escreve ele em uma de suas cartas referentes ao "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício"], "busquei classificar um conjunto grande de fichas, eu lhe darei uma visão geral desta classificação em minha carta, vou colocá-la em ordem retomando um pequeno volume de notas que possuo e você verá que já estamos ricos"<sup>9</sup>.

9. Carta de Henri Hubert a Marcel Mauss, fundo Mauss, Imec, s.d. [1898].

Não é senão após a morte de Hubert que Mauss toma verdadeiramente consciência da importância das fichas do amigo. De fato, elas lhe são necessárias na preparação póstuma de duas obras sobre os celtas que Hubert tinha previsto publicar, desde 1919, na já referida coleção organizada por Henri Berr. Foram elas que permitiram a Mauss realizar a economia de uma leitura em grande escala dos dados arqueológicos, em relação aos quais ele não era especialista<sup>10</sup>.

É certo, de todo modo, que este trabalho levado a cabo por Mauss lhe ofereceu a ocasião, repetidas vezes, de relembra a importância que Hubert teve tanto para ele quanto para a sociologia. Em sua aula inaugural no Collège de France, Mauss insere Hubert no mesmo plano que Durkheim<sup>11</sup>. No prefácio ao trabalho sobre os celtas, ele descreve com precisão o "método" de Henri Hubert, uma história etnográfica que lhe permitiu provar o parentesco e os contatos entre civilizações, paralelamente às descobertas linguísticas – entre as quais a de Antoine Meillet – que estavam em vias de confirmar sua descoberta.

Hubert é muito mais que um historiador arqueólogo, e sua obra deve ser relida hoje levando-se em consideração sua fortíssima implicação na aventura de *L'Année sociologique*. Erudito surpreendente, original, que sabia aproximar as ciências humanas de seu tempo, Hubert nos deixou numerosas intuições, tanto em antropologia como em sociologia, que ainda estão por ser redescobertas e refletidas.

10. É exatamente por isso, também, que ele decidiu não se aventurar sozinho nesta publicação póstuma dos escritos de Hubert. Ele aproximou-se de Jean Marx, que trabalhava como um especialista na civilização celta na École Pratique des Hautes Études, de Raymond Lantier, que sucedeu a Hubert no Museu de Saint-Germain, e do linguista Joseph Vendryes, especialista em religião celta, responsável por verificar os dados linguísticos.

11. "É Durkheim, meu mestre e meu segundo pai, com sua cabeça forte e pensativa, seus belos olhos miopes azuis e sua voz apaixonada. É a forte e clara figura de Henri Hubert, meu amigo e meu irmão de trabalho, uma metade de mim mesmo arrancada pela morte." A transcrição desse manuscrito de Mauss pode ser encontrada em sua versão integral em J.-F. Bert, *L'atelier de Marcel Mauss*, 2012.